

## **Estudo das coberturas midiáticas corporativas e radicais em Bauru: os protestos de 2013 e 2016**

### *Study of corporate and radical media coverage in Bauru: the protests of*

Isabela Holl Cirimbelli Grossi PARREIRA<sup>1</sup>  
Juarez Tadeu de Paula XAVIER<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Esta pesquisa analisa os conteúdos produzidos pelas mídias radicais e corporativas na cidade de Bauru. A cobertura realizada pelas mídias refere-se aos protestos em junho de 2013 e as ocupações realizadas por estudantes em outubro de 2016. É realizada uma análise comparativa entre as duas formas midiáticas para entender os seus comportamentos cronologicamente. Observa-se se houve alteração no padrão de cobertura dos acontecimentos, e se ela avançou ou regrediu em relação à cobertura realizada em 2013, quanto a quantidade e forma do registro jornalístico. A pesquisa se desdobrou em duas fases, uma bibliográfica e outro de campo, com entrevistas com os principais protagonistas desses dois momentos. Os dados expostos apontam as diferenças entre as coberturas dos dois períodos indicando uma regressão por parte da mídia corporativa e uma projeção por parte da mídia radical.

**Palavras-chave:** Mídia radical. Mídia corporativa. Protestos. Ocupações. Jornalismo.

#### **Abstract**

This research analyzes the contents produced by radical and corporate media in the city of Bauru. Media coverage is about the protests of June 2013 and the students' protests in October 2016. A comparative analysis is carried out between the two media to understand their behavior chronologically. It was observed if there was a change in the coverage's pattern of events, and whether it has advanced or regressed compared to the one held in 2013, regarding the quality of the media coverage. The research unfolded in two phases, one bibliographical and one in field, interviewing the main protagonists of these two moments. The research point out differences between the coverage of both periods resulting in a regression by the corporate media and an advance by the radical media.

**Keywords:** Radical media. Corporate media. Protests. Occupation. Journalism.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo. Bolsista FAPESP em Iniciação Científica sobre Mídia Corporativa e Mídia Alternativa Radical. E-mail: isabelaholl@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós Graduação de Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (PPG MiT/UNESP) da UNESP, Campus de Bauru. E-mail: juarez.xavier@unesp.br

## Introdução

No Brasil ocorreram diversas manifestações sociais nos últimos anos, entre elas as manifestações políticas de 2013 e as ocupações das escolas em 2016. A mídia corporativa realizou coberturas midiáticas, em maior e menor grau, sobre esses acontecimentos. Porém ela não foi a única a divulgar informações, pois a mídia radical também esteve presente nesse cenário.

O período de junho de 2013 foi selecionado para essa pesquisa pois marcou o início de uma série de protestos que ocorreram por todo o território nacional. A sociedade começou a demandar reivindicações sociais, na maioria, relacionadas ao transporte público, à melhoria da saúde pública, à mobilidade urbana no geral e à educação pública. No meio dessa efervescência a Copa das Confederações acabou incitando ainda mais um cenário de indignação social, devido aos altos gastos com infraestrutura dos estádios e às alterações legislativas promovidas pela “FIFA”. O aumento da passagem de ônibus serviu como um estopim e impulsionou uma série de protestos por todo o país. O primeiro foi organizado pelo Movimento Passe Livre em São Paulo e reuniu cerca de 4 mil pessoas. Em duas semanas o número de protestos de expandiu e já havia 1,4 milhões de pessoas espalhadas por 120 cidades brasileiras (PESCHANSKI, 2013, p.56).

Já no ano de 2016, houve manifestações sociais em forma de ocupações estudantis às escolas públicas e protestos de rua. O mês de outubro de 2016 foi selecionado por ser um período que aproxima dois acontecimentos que influenciaram essas manifestações. O primeiro deles aconteceu no fim do mês de setembro (dia 22), que foi o encaminhamento feito pelo governo federal da Reforma do Ensino Médio, que afeta diretamente os alunos secundaristas das escolas públicas. O segundo fato foi a aprovação na câmara da PEC 241, depois nomeada PEC 55, que visava cortes nas verbas da educação brasileira.

A cobertura midiática dos acontecimentos sociais ocorridos, tanto em 2013 como em 2016, foram realizados por mídias corporativas e por mídias radicais por todo o Brasil e na cidade de Bauru. O conceito de mídia radical adotado por esta pesquisa é o proposto por John Downing, em que são considerados como mídia radical elementos comunicativos desenvolvidos por camadas subalternas da sociedade, que transmitam

conteúdos de oposição à estrutura de poder hegemônico de determinada sociedade (DOWNING, 2002, p.33).

Para possibilitar uma comparação e análise dos discursos realizados foram selecionados os conteúdos produzidos pela mídia radical e pela corporativa em 2013, assim como os produzidos pela mídia radical e pela corporativa em 2016. O material coletado foi das páginas do *Facebook: Casa Fora do Eixo Bauru (FDE)* e *Bauru Acordou*. Já a seleção dos conteúdos da mídia corporativa teve como fonte as publicações do *Jornal da Cidade (JC)* de Bauru, em 2013. As publicações de mídia radical selecionadas no ano de 2016 correspondem à página *Movimento Estudantil Secundarista de Bauru*, no *Facebook*, e como mídia corporativa, novamente, o *JC*.

O objetivo da análise é verificar se existência de uma política de continuidade, e se a mídia corporativa e a radical mantiveram a cobertura desses acontecimentos sociais. Se elas se organizaram e prepararam suas coberturas visando entender as manifestações sociais. Também serão observadas as seguintes hipóteses: se a mídia corporativa e/ou a radical retrocederam, se houve regressão em relação às coberturas realizadas em 2013 em relação às de 2016, e se elas se distanciaram do fenômeno. Serão estudadas as consequências dessas estratégias de cobertura adotadas, e qual das mídias conseguiu em sua cobertura se aproximar e entender melhor o fenômeno.

A *Casa Fora do Eixo Bauru (FDE)* foi criado em 2009, quando integrantes do *FDE* de outros municípios passaram pela cidade e entraram em contato com estudantes de comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Através desse contato o coletivo começou a tomar forma. O objetivo era a produção e realização de projetos culturais. No Brasil já havia várias outras unidades do *FDE*, Atualmente ele está presente em 25, das 27 unidades federativas do Brasil. Ele se volta para produção de materiais comunicativos feitos a partir de eventos culturais, como cobertura de festivais de música, transmissões de shows ao vivo, releases e fotos dos eventos. A *Mídia Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (NINJA)* surge em março de 2013 a partir dessa experiência, a estratégia de cobertura que era utilizada no campo cultural passou a ser aplicada nos movimentos sociais<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Informações cedidas para a pesquisadora em entrevista pela equipe do coletivo Fora do Eixo (FDE) em 2016, e pela editora da Mídia NINJA Raíssa Galvão também em entrevista realizada em 2017.

Já o coletivo *Bauru Acordou* foi criado em Junho de 2013 em um evento criado no *Facebook* sobre o protesto que aconteceu na cidade para reivindicar diminuição no preço da tarifa de ônibus. As pessoas que organizam a página são de Bauru e na época estavam engajadas por melhorias na cidade, nas áreas de transporte, saúde e educação (Bauru Acordou, 2013)<sup>4</sup>. Esse coletivo realizou diversas publicações em junho de 2013 sobre as manifestações que estavam ocorrendo em Bauru, além de ter organizado protestos a partir das publicações.

A página *Movimento Estudantil Secundarista de Bauru* foi criada em setembro de 2016, no *Facebook*. A administração e a publicação de conteúdos na página eram realizadas por integrantes do Movimento Estudantil de Bauru, que existe desde 2014. No movimento havia alunas/alunos de nove escolas públicas de Bauru, cada uma possuía dois estudantes que ajudavam na administração da página. O grupo realizou publicações informando os acontecimentos e expondo seu ponto de vista sobre eles. Também foram organizadas manifestações a partir da página<sup>5</sup> (SANCHES, 2017).

O *Jornal da Cidade (JC)* está presente em Bauru desde 1967, foi criado por líderes de diversos segmentos de Bauru. Atualmente o jornal tem 10 editorias, os cargos são de editor chefe, editor executivo, editor de área, repórteres, fotógrafos e diagramadores. O JC produziu coberturas sobre os acontecimentos sociais em 2013 e em 2016, que foram publicadas no jornal impresso<sup>6</sup> (HILÁRIO, 2017).

## **Jornalismo e tecnologia**

A prática do jornalismo sofreu mutações econômicas, legislativas, tecnológicas e deontológicas. A redação é uma figura solidificada do jornalismo que concentrava seu universo conceitual e técnico, onde era possível captar, editar e difundir conteúdos. O espaço físico da elaboração e, também, espaço de racionalização metódica, onde se encontrava a possibilidade do debate e da crítica. Atualmente, com as novas tecnologias

---

<sup>4</sup> Informações publicadas pelo grupo Bauru Acordou em 2013. Disponível no endereço: <https://www.facebook.com/BauruAcordou/photos/a.481036505312729.1073741828.479757642107282/481036508646062/?type=3&theater>. Acesso do dia 22/02/2018 às 17:45

<sup>5</sup> Informações cedidas para a pesquisadora em entrevista com membro do Movimento Estudantil, Giovana Sanches, em 2017.

<sup>6</sup> Informações cedidas em entrevista com a editora chefe do JC, Giselle Hilário, em 2017.

as redações se tornaram espaços híbridos: são analógicas e digitais ao mesmo tempo (XAVIER, 2014).

As redações híbridas são uma forma de se adaptar às novas tecnologias. Desde do início da profissão do jornalismo, esses tiveram que se adaptar a diversas mudanças referente a cada contexto histórico e econômico. Para Marcondes Filho (2002), a prática do jornalismo passou por três fases até atingir seu estágio atual. Na primeira fase emergiram as redações, o jornalismo foi se profissionalizando e assumindo o caráter de formador político e pedagógico, capaz de instruir e formar opiniões. Ele preenchia as lacunas informativas causadas pela censura monárquica do século XVIII. Nessa fase, o estilo, estrutura narrativa e códigos tinham perfis literários, partidários e políticos.

A segunda fase teria início na metade do século XIX, pois o jornalismo se torna um modelo de negócio: uma empresa. Que para acompanhar as mudanças históricas e tecnológicas ao seu redor, teria que gerar lucro a fim de se auto sustentar. Então se dá início à uma divisão no espaço de produção jornalística, o jornal tem que ceder espaço para a publicidade. Tinha-se, então, a divisão entre a igreja (redação) e o estado (publicidade).<sup>7</sup>

Em sua terceira fase, deparou-se com o monopólio econômico. O contexto histórico mundial é outro, duas grandes guerras, o novo colonialismo, as novas visões territoriais e os governos totalitários acabam intimidando a produção informativa. A informação e a publicidade passam a disputar espaço, atualmente percebe-se um cenário no qual a característica monopolista dos meios de comunicação convive com a emergência da nova ecologia digital (MARCONDES FILHO, 2002).

A publicidade e o monopólio, assim como o raciocínio vertical que enxerga o leitor como uma “tábula rasa”, contribuem para a falta de participação do público com seus respectivos meios e também para a ausência de democracia e liberdade informacional. A publicidade faz com que determinados assuntos sejam retirados das páginas dos jornais, devido ao fato de que os jornais não podem assumir posições que contradigam seus patrocinadores. O monopólio midiático assume uma posição na qual os órgãos de imprensa só transmitem informações que são consoantes com os valores da empresa proprietária. Assim, gerando angulações e pontos de vista similares na mídia, sem divergências de conteúdo e poucas divergências opinativas.

---

<sup>7</sup> A revista Time utilizava uma técnica organizacional que separava o lado comercial (Estado) do lado editorial (Igreja) dentro de sua administração.

Segundo Rossi (1980), houve uma época em que as redações estimulavam a criatividade, a inovação e as transformações, características que serviram de base para os princípios e valores do jornalismo ocidental. Mas na atual fase do monopólio e da propriedade cruzadas dos veículos de imprensa, a redação como era antes não existe mais. As redações tornaram-se homogêneas, padronizando a leitura da realidade, os jornais, em maioria, não se contradizem, não há espaço para a reflexão e para a crítica da atividade profissional. Causando a dimensão unidimensional do relato jornalístico. As pautas são focadas no universo cultural de um grupo de pessoas, deixando de abordar aspectos fundamentais da realidade e cultura de uma parte da população (CLÓVIS, 1980).

A tecnologia digital e convergente trouxe mudanças para o cenário das redações e suas formas de organização. Essa se desterritorializou-se, gerando células jornalísticas espalhadas pelo território. As transformações geradas pelas novas tecnologias geraram uma reconfiguração organizacional da produção de informação. As estruturas como planejamento, captação, edição e difusão foram fragmentadas. Fazendo com que a disposição jornalística fosse reinventada (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2012).

Esse processo de desterritorialização das redações e nova organização do jornalismo se mundializou. Os momentos se tornaram convergentes, a velocidade de disseminação das mensagens contribuiu para a tomada de conhecimento sobre os acontecimentos mundiais, o tempo real e virtual começaram a dialogar amplamente, fazendo com que a história se tornasse um motor único. A emergência da ecologia digital possibilita a criação de plataformas tecnológicas que esquadrinham os acontecimentos do planeta, gerando um dado essencial à produção do sistema histórico atual. Todos esses fatores contribuem para ênfase do processo de globalização (SANTOS, 2001).

A expansão do capitalismo pelo mundo é noticiada pelos meios de comunicação como benigna, enfatiza-se que a realidade é ampla e pode-se explorá-la através do consumo oferecido pelas empresas. Porém a realidade, para Santos (2001), não é assim de fato, a visão de que a globalização é um fator positivo para os indivíduos, é uma interpretação fantasiosa, ou seja, uma fábula. O mundo real possui perversidades, pois enquanto a cultura do consumo é apresentada como ideal, as mazelas sociais aumentam, como o desemprego, a fome, a mortalidade infantil e a exclusão social. Esses fatores

existem sob um estado fraco que os nega. Porém, o entendimento da globalização e suas perversidades pode estimular o surgimento de novas possibilidades, uma maneira de pensar uma realidade mais humana. A unicidade técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta podem ser ferramentas para a criação de uma nova globalização (SANTOS, 2001, p.18).

Esse novo ecossistema jornalístico dá abertura para as plataformas colaborativas, que favorecem sistemas articulados e convergentes: como as plataformas, linguagens, conteúdos e sistemas. Durante o ano de 2013, a cobertura dos protestos foi realizada por coletivos de produção de conteúdo, de maioria focada nos acontecimentos políticos e manifestações que ocorriam por todo o Brasil, evidenciando, assim, as possibilidades de articulações colaborativas. A coleta de dados se deu através de celulares, tablets, câmeras digitais e notebooks de indivíduos presentes no fato, que capturaram os protestos através de diferentes olhares e ângulos. Registrando rapidamente os acontecimentos, incluindo os enfrentamentos, as bombas de gás, os tiros de borracha, as argumentações e opiniões daquela realidade fulminante que acontecia simultaneamente (XAVIER, 2014).

Segundo Downing (2002), são consideradas como Mídia Radical as formas de comunicação e produção de conteúdo organizadas contra o status quo, realizadas por grupos subalternos de uma sociedade. Os conteúdos difundidos por essa mídia se comunicam de forma mais eficiente com o grupo para qual eles se destinam, promovendo maior assimilação e identificação, além de informarem sobre necessidades que nem sempre estão da pauta da imprensa empresarial. São tipos de contra-informação, que entrelaçam a cultura popular com uma a cultura de oposição (DOWNING, 2002).

Tanto a mídia radical em 2013 quanto em 2016 produziu conteúdos com uma linguagem mais próxima do grupo que eles se destinam, principalmente considerando a população mais jovem da cidade de Bauru, que estava engajada nos dois momentos. Foi utilizado uma forma mais coloquial na linguagem em comparação com a mídia corporativa. A forma de difundir os conteúdos também é mais flexível pois não utiliza somente o texto, promovendo uma assimilação através de imagens, texto, vídeos e música. Também em ambos momento a mídia radical se entrelaçou com a cultura

popular atual ao utilizar “memes”, que é um termo bastante popular na internet, eles são imagens, ilustrações ou vídeos que representam um significado.

O autor considera que o conceito de Mídia Radical não se restringe aos meios de como rádio, cinema, televisão e jornal, mas também engloba as canções populares, como o hip hop ou as bandas de garagem, o grafite, as mídias têxteis, como camisetas, o teatro de rua, os cartuns, as fotomontagens, os vídeos caseiros e a internet (DOWNING, 2002).

Essas características mencionadas por Downing podem ser percebidas nos conteúdos de mídia radical selecionados pela pesquisa. Como o exemplo do vídeo que foi produzido pelo *Movimento Estudantil Secundarista de Bauru*<sup>8</sup>, no dia 30 de outubro de 2016. Os estudantes elaboraram uma paródia musical, na letra da música eles se posicionaram contra a reforma estudantil e a PEC 247. Os estudantes, no dia 29 de Outubro de 2016, também produziram GIFs animados (Formato de Intercâmbio de Gráficos), em que eles seguram um cartaz.

Para Downing (2002) a mídia radical deve ser produzida por “receptores ativos”, uma audiência que não apenas absorve as mensagens da mídia de maneira passiva, mas elabora e molda os produtos da mídia. Como é o caso dos estudantes secundaristas e do grupo *Bauru Acordou* que elaboraram seus próprios conteúdos, ao invés de apenas receber informação pela mídia hegemônica.

Para o autor, o papel da mídia radical muitas vezes é visto como de tentar quebrar o silêncio, refutar informações cedidas por outros meios e fornecer outra versão do fato, a versão contra-hegemônica. O conteúdo cedido pela mídia radical expande o âmbito das informações e das reflexões produzidos pela mídia convencional. Essas mídias também possuem a tendência de se organizarem internamente de forma mais democrática, nos estados democráticos, do que os meios empresariais (DOWNING, 2002).

As mídias radicais abordadas pela pesquisa como a *Mídia NINJA*, que surge do coletivo *Fora do Eixo*, o *Bauru Acordou* e o *Movimento Estudantil Secundarista de Bauru* se encaixam no princípio da organização horizontal exposto por John Downing. Raíssa Galvão, editora da *Mídia NINJA*, afirma que as pautas e as escolhas de

---

<sup>8</sup><https://www.facebook.com/Movimentoestudantilsecundaristadebauru/videos/1097174680403659/?q=movimento%20estudantil%20secundarista%20de%20bauru%20video>. Acesso do dia 21/02/2018 às 12:14

publicações são debatidas pelo grupo e escolhidas através de consenso. Estrutura semelhante foi relatada por Giovana Sanches<sup>9</sup>, administradora da Página no *Facebook Movimento Estudantil Secundarista de Bauru*, ela também participou das ocupações de sua escola (Escola Estadual Stela Machado). Ela afirmou que as decisões sobre quais conteúdos seriam publicados eram tomadas em reunião através de debate (SANCHES, 2017). Os membros do *Bauru Acordou* também tomavam suas decisões a partir de debates e votações como relatado na própria página<sup>10</sup>.

A visão de Downing sobre internet é bastante otimista, ele afirma ser o início de uma nova era para a mídia radical e que os meios digitais são uma infraestrutura interconectada que oferece múltiplas formas de comunicação (DOWNING, 2002).

A esfera pública deixa de ser meramente uma ágora idealizada para tornar-se algo tangível entre membros de círculos interligados, cuja comunicação mútua faz com que se relacionem em muitos níveis, não apenas no debate racional e metódico (DOWNING, 2002, p.70).

O autor Josgrilberg retoma as ideias de Santos. Para ele uma mudança gerada pela internet é de que as redes intensificaram a aproximação das pessoas, aumentando a percepção das ambiguidades e dos paradoxos da vida social. Segundo Santos, a aproximação e percepção podem gerar novas possibilidades e imaginações políticas. Josgrilberg também ressalta que alguns assuntos eram silenciados na esfera pública, antes dominada pelos meios de comunicação de massas e agora com a esfera pública interconectada das redes, existe a liberação de determinados fluxos comunicacionais (JOSGRILBERG, 2010).

Para Amadeu, a rede é o local onde acontecem conversações sobre vários assuntos, incluindo política e assim ela se configura como um esfera pública interconectada (AMADEU, 2013). Em concordância, Belluzzo afirma seria benéfico para a democracia a criação de fóruns nos quais as pessoas pudessem colocar suas opiniões livremente, gerando debates e discussões sem preconceitos. Assim, se daria a

---

<sup>9</sup> A entrevista com Giovana Sanches foi realizada em Novembro de 2017, ela concluirá o ensino médio ainda este ano (2017). Ela era administradora da página Movimento Estudantil Secundarista de Bauru e participou efetivamente das ocupações de 2016 e da cobertura midiática realizada pela página.

<sup>10</sup> Informações publicadas pelo grupo Bauru Acordou em 2013. Disponível no endereço: <https://www.facebook.com/BauruAcordou/photos/a.481036505312729.1073741828.479757642107282/481036508646062/?type=3&theater>. Acesso do dia 22/02/2018 às 17:45

reconstituição da esfera pública “sem acusação, sem a hipocrisia dos grandes poderes que querem se apropriar de tudo” (BELLUZZO, 2013).<sup>11</sup>

## A estrutura das publicações radicais e corporativas em Bauru

A tabela a seguir é referente ao número de publicações relacionadas às manifestações sociais em cada mídia por período. A mídia radical foi contada através de publicações, em suas respectivas páginas no *Facebook*, que fossem relacionadas às manifestações. A mídia corporativa foi contada a partir de páginas do jornal que possuíssem reportagens, notícias, editoriais, cartas do leitor ou chamadas de capa relacionadas aos protestos em Bauru ou notícias de grande relevância sobre as manifestações, mas que ocorreram em outros locais.

Tabela 1

	Mídia Radical	Mídia Empresarial
Junho de 2013	22	62
Outubro de 2016	52	20

Fonte: Os autores

A partir desses dados pode-se perceber quantitativamente um aumento de publicações da mídia radical e uma diminuição de publicações da mídia corporativa.

A tabela a seguir se refere ao número de capas em que haviam manchetes sobre as manifestações sociais ocorridas na cidade:

Tabela 2

	Capas no Jornal da Cidade
Junho de 2013	13
Outubro 2016	04

Fonte: Os autores

<sup>11</sup> Os relatos do cientista político Sergio Amadeu e do economista Luiz Gonzaga Belluzzo foram afirmados no documentário “Zerovinte” produzido pela CartaCapital, lançado no dia 26 de Agosto de 2013

O número de manchetes relacionadas aos protestos em capas também diminuiu. Em 2016, três das quatro manchetes de capa eram sobre assuntos relacionados às ocupações, os motivos pelos quais elas ocorreram e não se tratava de uma notícia sobre a ocupação em si. Ao exemplo do dia 10 de outubro cuja manchete foi: “Bauru: escola vai discutir as reformas”. Nas outras duas capas as notícias abordaram novamente a reforma do ensino médio (MP 746) e também os cortes nas verbas do governo (PEC 241). Há uma manchete na capa do dia 25 de outubro que se refere a um acontecimento sobre as ocupações dos estudantes, o título é: “Adolescente é morto em escola ocupada”.

Constata-se que o *JC* apenas comentou sobre as ocupações em uma capa quando a notícia foi extremamente impactante. Pode-se notar também que é uma notícia que passa uma informação negativa sobre as ocupações, não houve nenhuma outra de aspecto positivo ou neutro em capa. A Secretária Geral do *Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé*, Renata Mielli, abordou de maneira crítica posição da mídia corporativa ao cobrir as ocupações dos estudantes: “A mídia manipulou de todas as maneiras possíveis aquele movimento, tentando colocar a sociedade contra os estudantes, tentando principalmente criar um clima de medo para colocar os pais dos estudantes contra os estudantes” (MIELLI, 2018)<sup>12</sup>. O fato da única manchete em capa sobre ocupações ser “Adolescente é morto em escola ocupada”, caso que ocorreu no Paraná, pode ter auxiliado a causar o clima de medo que Mielli afirma, já que não houve outras manchetes sobre o tema em capas anteriores.

Em 2016, a página *Movimento Estudantil Secundarista de Bauru* fez publicações de texto e fotos informando sobre o protesto de ocorreu em frente a Câmara de Bauru no dia 5 de outubro. Também aconteceu um debate público sobre a Reforma do Ensino Médio no dia 8 de outubro. No dia 7 de outubro a página noticiou que já haviam 54 escolas ocupadas em todo o Brasil. O *Jornal da Cidade* não noticiou nenhuma dessas informações, sendo a primeira notícia publicada no dia 10 de outubro, informando que escolas iriam discutir reformas.

Em entrevista foi perguntado aos atores da mídia corporativa e radical sobre as mudanças nos processos de cobertura, considerando os períodos de 2013 e 2016. Raíssa Galvão foi uma das escolhidas pela pesquisa para ceder informações sobre a mídia radical, ela trabalhou na *Casa Fora do Eixo* de Minas Gerais, semelhante à que existiu

---

<sup>12</sup> Informações cedidas para a pesquisadora em entrevista com Renata Mielli, Secretária Geral do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé, em 2018.

em Bauru e atualmente trabalha como editora dos núcleos de Opinião e Design na *Mídia NINJA*. Giselle Hilário é editora-chefe do *Jornal da Cidade* de Bauru.

Quadro 1

Raíssa Galvão (Mídia Ninja)	Giselle Hilário (Jornal da Cidade)
<p>Temos um conselho editorial que tem cerca de cinquenta pessoas e são pessoas que estão o tempo inteiro fazendo provocações, fazendo sugestões tanto de pautas quanto de abordagem. São pessoas que estão ligadas a produção direta do conteúdo, que chamamos de “corpo docente” Em 2016, ampliamos o “corpo docente” de 30 para 50 pessoas mais ou menos, temos mais gente pensando e colocando energias nisso.</p> <p>As plataformas em 2016 passaram a oferecer mais possibilidades, um aprimoramentos das mesmas plataformas e dos mesmo equipamentos. Fizemos mais ao vivo no <i>Facebook</i>, e pouco no <i>Twitter</i>, usamos o <i>Periscope</i> e deixamos de usar o <i>Twitcasting</i>, usamos também o <i>Youtube</i>, o <i>Instagram</i>, o <i>Medium</i> e o <i>Flickr</i>. O <i>Youtube</i> já era usado em 2013, mas aprimoramos mais ele, no sentido de ter conteúdos mais qualificados e vídeos mais temporais com pautas específicas. O <i>Telegram</i> a gente incorporou para usar como chat de colaboradores. Temos um site que foi criado em 2014, mas em abril de 2017 lançamos um novo site que é o <i>midianinja.org</i> que por enquanto está mais voltados aos colunista</p>	<p>Eu acho que em 2013 foi mais impactante, várias pessoas participaram e era uma momento em que tudo isso era novidade no Brasil.</p> <p>Eu acho que em 2016, para usar uma expressão popular, não que era “carne de vaca”, mas eu acho que passou tanto tempo sem que nada acontecesse, os problemas continuaram os mesmos, a roubalheira continuou a mesma e as decisões continuaram as mesmas. Se você for fazer um avaliação, você vai ver que mudou pouca coisa, tiveram mais denúncias mais enfrentamentos, mas se você for avaliar mesmo o que que mudou? O país continuou o mesmo, a recessão foi feita, o desemprego continua grande. Então acho que as pessoas meio que desanimaram e os organizadores, independente de lado, eles conseguiram aglutinar menos pessoas. Eu acho que a mídia desanimou também, foi na mesma toada, deu mais espaço para as denúncias e deu menos, ou seja, dividiu o espaço com as manifestações, que foram mais rápidas também, os quebra-quebras foram menores. Acho que foi isso que aconteceu, não parei para avaliar, estou falando isso</p>

A gente entrou em junho de 2013 com 6 mil seguidores e saímos do mês com 300 mil. Em 2016, o alcance da plataforma melhorou, porque temos mais plataformas com abordagens e estratégias diferentes e temos um alcance mais alto que naquele período. Hoje temos um milhão e meio de seguidores.

empiricamente.

Fonte: Os autores

Nas informações cedidas nota-se que Galvão declara o acontecimento de projeções dentro da *Mídia NINJA*. Como o aumento das pessoas ligadas a produção direta do conteúdo, o aprimoramento no uso das plataformas e a expansão do número de seguidores em mais de um milhão.

A editora do *JC*, quando questionada se houve mudanças na cobertura entre os períodos, afirmou ter ocorrido um desânimo no jornal em relação às manifestações sociais, o que resultou na diminuição de publicações. Pois, segundo ela, o Brasil não teria evoluído apesar de existirem manifestações sociais.

A editora da *Mídia NINJA*, Raíssa Galvão (2018), afirmou que o coletivo é parcial e está sempre “do lado” dos movimentos sociais, visando cobrir pautas que a mídia corporativa não publica. Assumindo que o principal objetivo da *Mídia NINJA* é a cobertura sobre os movimentos sociais, as mudanças afirmadas pela editora, como aumento de pessoas envolvidas com o projeto, aumento e aprimoramento do número de plataformas também indicam uma evolução na cobertura das manifestações sociais, já que elas são o principal tema informativo do coletivo.

## Considerações finais

É possível ressaltar, através dos dados já selecionados, que houve uma regressão por parte da mídia corporativa, na cobertura feita sobre as manifestações sociais de 2013 em relação à cobertura de 2016. Essa afirmação se baseia na ausência informativa sobre os protestos realizados pelo *Movimento Estudantil de Bauru* nas páginas do *Jornal da*

*Cidade*. A mídia radical noticiou acontecimentos na cidade, conforme visto anteriormente, que o *JC* não mencionou. Através da análise das páginas do jornal, envolvendo a quantidade numérica de publicações e o destaque dado à elas pelo jornal, assim como a fala de Hilário sobre o desânimo ocorrido na redação, pode-se concluir que houve uma regressão na cobertura dos protestos. Também pode-se ressaltar a demora do surgimento de notícias no *JC* sobre as ocupações dos estudantes, tanto em âmbito local quanto nacional.

Em Bauru, a mídia radical também apresenta uma projeção em relação ao período anterior, comparando as páginas da *Casa Coletivo Fora do Eixo (FDE)* e *Bauru Acordou* (2013) com a página do *Movimento Estudantil Secundarista de Bauru* (2016), pode-se notar mudanças. Houve um aumento numérico das publicações realizadas. Também houve um aumento na diversidade dessas publicações envolvendo muitos formatos, como imagens, vídeos, GIFs animados, música e texto. Os estudantes divulgaram informações sobre outras ocupações e protestos no Brasil, não somente em Bauru, sendo um diferencial em relação à 2013. As plataformas criadas pelos estudantes foram capazes de fornecer informações inéditas sobre as manifestações na cidade, revelando a importância da página para a divulgação informacional sobre os acontecimentos em Bauru. Devido à esses apontamentos conclui-se que houve projeção em relação ao período anterior.

Em 2013, o *Jornal da Cidade de Bauru* realizou uma ampla cobertura, abordou diversos temas informativos relacionados aos protestos e cedeu espaço de maior destaque à elas. Também pode-se ressaltar que o jornal se manteve próximo aos acontecimentos e não houve nenhum protesto que não foi noticiado pela equipe do *JC*. O fato disso ter ocorrido de forma diferente em 2016 demonstra que não foi resultado de uma incapacidade técnica pois, baseando-se em 2013, o jornal mostrou ter estrutura necessária para realizar a cobertura de manifestações sociais na cidade, assim como a possibilidade de lhe dar espaço no jornal. O que gera uma reflexão sobre a intencionalidade da regressão da cobertura feita pela mídia corporativa.

## Referências

DOWNING, J. **Mídias radicais**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

SILVEIRA, A. S. et al. **Cidadania e redes digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. citação em capítulo

VAINER, C. et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas no Brasil**. São Paulo: Carta Maior, 2013.

XAVIER, J.T.P, **Redações desterritorializadas**. In: BRONOSKY, M; CARVALHO, J. **Jornalismo e convergência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. **Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos**. In: **Revista de Jornalismo da ESPM: edição brasileira da Columbia Journalism Review**, São Paulo p.30-89, abr./jun., 2013.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCONDES FILHO, C. **A saga dos cães perdidos**. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

**Zerovinte**. Direção: Clara Parada. Produção: Marsílea Gombata, Piero Locatelli, Sergio Lirio, Paloma Rodrigues, Ricardo Rossetto, Lino Bocchini, Pedro Presotto e Rodrigues Martins. São Paulo (BR): CartaCapital, 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YBu09di\\_XHE](https://www.youtube.com/watch?v=YBu09di_XHE). Acesso do dia 20/02/2018 às 20:50.

RONOSKY, M; CARVALHO, J. **Jornalismo e convergência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

BECKER, B. MACHADO, M. **Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013**. *Discursos Fotográficos*, v. 10, n. 17, p. 39, 2014.

TREVISAN FOSSÁ, M. I. **Das ruas à mídia: representação das manifestações sociais**. Porto Alegre: Editora Universitária da PUCRS, 2015.